



Universidade: presente!

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Pode a travesti filmar? Marcas do cinema dirigido por travestis e mulheres trans no Brasil
Autor	EUGENIO HELYANTUS STUMM
Orientador	AMADEU DE OLIVEIRA WEINMANN

Pode a travesti filmar? Marcas do cinema dirigido por travestis e mulheres trans no Brasil

Autoria: Euge Helyantus Stumm

Orientador: Amadeu de Oliveira Weinmann

A produção científica sobre o trabalho de mulheres trans e travestis diretoras de cinema representa uma lacuna significativa nos estudos brasileiros sobre o audiovisual. Apesar de existirem trabalhos reconhecidos de diretoras trans no cenário internacional, como o das irmãs Wachowski, Zackary Drucker e de Johanna Jackie Baier, a produção de filmes brasileiros dirigidos por mulheres trans e travestis aparece de modo escasso e pouco catalogado. O que filmam as travestis brasileiras diretoras de cinema? Que realidades são retratadas? O que há de diferença e repetição entre elas? É sobre tais questões que nos debruçamos neste trabalho, ainda em andamento. Partindo das reflexões de Gayatri Spivak, entendemos não serem comparáveis os trabalhos de diretoras trans do circuito europeu e norte-americano com o do brasileiro; portanto, optamos por abarcar exclusivamente diretoras brasileiras. Partimos, em termos metodológicos, da análise filmica psicanalítica e, em termos de marco teórico, dos estudos pós-coloniais e das teorias queer. Até o momento, selecionamos, catalogamos e analisamos os trabalhos de 3 diretoras: 3 trabalhos de Clara Chroma, 1 trabalho de Julia Katharine e 2 trabalhos de Bia Leite. Os filmes são, predominantemente, curta metragens, com exceção de “Tea for Two”, de Julia Katharine, média-metragem mais longo dos filmes aqui analisados e primeiro filme dirigido por uma mulher trans a entrar para o circuito comercial de cinema brasileiro. Com frequência, os filmes também aparecem com co-direções, como é o caso de “Os anos 3000 eram feitos de lixo”, de Clara Chroma, e “Pau de Priscila”, de Bia Leite. Além disso, elementos autobiográficos, que retratam a rotina das diretoras ou que contam com a participação das próprias diretoras nas filmagens, parecem ser comuns nos trabalhos aqui analisados, como é o caso de “TRANSLAÇÃO”, de Clara Chroma. Além do caráter predominantemente experimental das obras, a presença de corpos trans e/ou dissidentes também parece ser marcante em tais produções. Ao contrário dos filmes comerciais, em sua maioria dirigidos por diretores cisgêneros, nos quais os corpos e identidades frequentemente são representados de um modo normalizado, estável e cisheteronormativo, o que entendemos estar ao lado do conceito de utopia de Foucault, nos filmes aqui analisados a estabilidade das identidades parece ser abalada. Se, por um lado, nos filmes aqui selecionados há momentos em que há narrativas normalizadas e burguesas, em outros esses mesmos valores aparecem de modo descontextualizado, deslocado, muitas vezes a zombar a pretensa naturalidade e verdade de tais discursos. Outrossim, há momentos em que as identidades se mostram de modo borrado e nebuloso, dificultando o enquadre em identidades já concebidas e normalizadas. Propomos pensar o conceito de heterotopia, de Michel Foucault, em oposição à utopia de narrativas comerciais sobre corpos trans, como potente para reverberar a narrativa que corpos de mulheres trans e travestis constroem de si mesmas. Tais heterotopias, isto é, espaços nos quais elementos contraditórios se justapõem, permitem estranhar as narrativas pedagógicas sobre corpos trans que frequentemente inundam os circuitos comerciais de cinema. Aqui, o cinema dirigido por diretoras trans e travestis brasileiras, ainda que compartilhe uma série de signos dos filmes dirigidos por diretores cisgêneros, parece encadeá-los de modo a desestabilizar a narrativa do corpo trans ou dissidente como frágil, passivo, violentado e submetido. Consonantes com Gayatri Spivak, entendemos a potência ética-estética-política deste trabalho como modo de ecoar elementos presentes no cinema feito por travestis e mulheres trans e visibilizá-los.